



Ministério

Adventista



Março-Abril de 1962



“Baixai a Pontaria”

Visitava, certa vez, uma pequena igreja rural, um destacado bispo metodista, festejado teólogo e notável pregador. Convidando-o para ocupar o púlpito, pediu-lhe o pastor local que evitasse a terminologia erudita, pois que os seus paroquianos, rudes e incultos, pouco haveriam de entendê-lo. Seguindo a advertência do jovem ministro, o bispo visitante pregou um sermão mui objetivo, valendo-se de argumentos e expressões tão simples e claros que, após o culto, um dos ouvintes foi levado a comentar: “O velhinho que pregou esta noite não tem tantos estudos como o nosso pastor, porém me agradou ouvi-lo, porque entendi a sua mensagem.”

Proclamar os grandes temas da fé com clareza e simplicidade deveria ser a preocupação dominante na vida de um mensageiro a serviço de Deus. Não assiste ao pregador o direito de valer-se do púlpito para uma exibição pedante e sofisticada de uma cultura livresca. Aos membros de nossas igrejas pouco importa a opinião de Clarke, Lange, Barnes ou outro qualquer autorizado comentador bíblico. A eles interessa saber o que o pastor pode dizer, em linguagem simples, depois de haver manuseado muitos livros e investigado os volumosos comentários escritos por diferentes exegetas.

Como pregadores do Evangelho devemos esforçar-nos para apresentar a mensagem que os ouvintes necessitam, de tal maneira que até mesmo os mais incultos possam assimilá-la.

Há muitos anos passados tive a oportunidade de ver um hábil atirador lançar setas ponteagudas sobre uma senhora que, tranqüila e despreocupada, se colocara como alvo, junto a um tablado de madeira. A extraordinária habilidade do atirador consistia em arremessar as setas ao redor das mãos e até mesmo entre os dedos, sem contudo feri-la.

Alguns pregadores parecem imitar o hábil atirador. Arremessam as suas setas, mas estas não atingem os seus ouvintes. Quão oportuna se nos afigura a exortação de Olivério Cromwell, o intrépido general inglês! Em meio ao fragor de

uma violenta batalha, vendo que muitas balas se estavam perdendo, pois os soldados estavam atirando demasiadamente alto, ordenou: “baixai a pontaria”.

Um douto professor da Universidade de Cambridge, pregando aos empregados da Universidade, encarregados dos serviços manuais, dizia: “Concedo que a prova ontológica da existência de Deus, nos últimos anos, devido especialmente às investidas teutônicas, tem sido relegada a um lugar subordinado no arsenal da apologética cristã.”

Evidentemente, êste erudito mestre ignorava a importância do conselho de Cromwell. Suas palavras, plenas de erudição, passavam sobre a cabeça dos seus ouvintes, sem atingir o alvo.

Para ferir o coração necessitamos, muita vez, baixar a pontaria. Se isto não fizermos, tornaremos a nossa pregação destituída de valor e carente de aplicação pessoal.

“Cristo chegava ao povo na posição em que êste se achava. Apresentava a simples verdade perante seu espírito, na linguagem mais poderosa e singela. O pobre humilde, o mais ignorante, podia compreender, mediante a fé nêle, as mais exaltadas verdades. Ninguém precisava consultar os instruídos doutores quanto ao sentido do que Êle dizia. Não embaraçava os ignorantes com misteriosas deduções, nem usava palavras fora do cumum ou eruditas, de que não tivessem conhecimento. O maior Mestre que o mundo já conheceu, foi o mais definido, simples e prático em suas instruções.” O. E., pág. 47.

Quando os discípulos perguntaram a Jesus porque ensinava ao povo através de parábolas, ouviram a seguinte contestação: “Porque êles, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem compreendem...”

Que fazer então? Como apresentar àqueles rudes palestinos a verdade divina? Associando as grandes lições da fé às coisas e ocorrências comuns.

“O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado.”

“O reino dos céus é também semelhante a um homem que negocia e procura boas pérolas.”

“O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie.”

Isto era diáfano, meridianamente claro; isto êles podiam compreender. Por isso as multidões fascinadas se reuniam para ouvir os Seus impressionantes ensinamentos, tão cheios de objetividade e encanto.

Mui apropriada é, sem dúvida, a história de um zeloso pregador leigo que, ao dirigir o culto, lendo o capítulo 13 da primeira epístola aos Coríntios, fé-lo do seguinte modo: Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver CLAREZA, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.”

Esforcemo-nos, pois, diligentemente, em benefício da clareza e simplicidade, para que a nossa pregação não seja “como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.”

— ENOCH DE OLIVEIRA

O MINISTÉRIO ADVENTISTA



Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia
Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator — Arnaldo B. Cristianini

Colaborador especial:
J. J. Altken

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 300,00
Número Avulso Cr\$ 50,00

Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00
Número Avulso US\$ 0,35



ANO 27

Nº. 2

CAPA: A Devaney, Inc. N. Y.

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

"Baixai a Pontaria" Enoch de Oliveira 2

ILUSTRAÇÕES

Bênção na Calamidade 3
"Plus Ultra" 3

ARTIGOS GERAIS

A inimizade Contra a Lei de Deus
..... Prof. Victor E. Ampuero Matta 4
O Gnosticismo Frederico Diáz J. 6
Controvérsias Cristológicas ... Gastón Clouzel 8
"Side Lines" 10

OBRA PASTORAL

Fechai Essa Porta! E. E. Cleveland 12

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

O Que Temos de Fazer, Façamo-lo Depressa ..
..... Walter Schubert 15

OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SÓBRE

DOCTRINA 17

MISCELANIA

..... 19

NOTÍCIAS DA IMPRENSA

..... 24



Bênção na Calamidade

Um articulista conta na revista *Putnam's Monthly* que um seu amigo possuía raríssima planta num grande vaso, o qual estava junto de um pequeno lago. Nunca florescera e, na verdade, mal se mantinha viva. Tudo se fêz para que crescesse, mas sem nenhum resultado. Certa vez, seu proprietário saiu de férias e, no dia da partida, um menino negligente que devia cuidar do jardim resvalou no vaso, quebrando-o, e a planta caiu no lago. Vendo a planta mergulhar até ao fundo, o menino deixou-a lá. Algumas semanas depois, voltava o proprietário. Certo dia, pôde verificar uma planta viçosa, luxuriante e desconhecida emergindo da água. Soube, então, o que sucedera à sua planta. Tardiamente descobriu que se tratava de uma planta aquática e que definhara por ter sido posta num vaso. O mesmo tem ocorrido, muitas vezes, com as almas famintas e sedentas. Acontece o que, à primeira vista, parece ser uma calamidade, uma aflição terrível, uma grande angústia, para depois provar-se ser exatamente o que se tornava necessário para aprimorar o caráter, e pôr em relêvo as latentes facultades de viço e paciência. — *Illustrations for Preacher and Speakers*, por Keith L. Brooks.

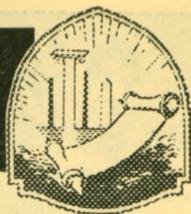
"PLUS ULTRA"

Nos tempos em que a Espanha era o poder dirigente do mundo, dava expressão à sua arrogância por uma inscrição gravada em sua moeda: *Nec Plus Ultra*, que significa "Nada Mais Além." Com isto se pretendia dizer que, se alguém visse a Espanha, nada mais havia para ver. Tinha atingido os limites da Terra.

Cristóvão Colombo, porém, abonava a idéia de que existia outro continente além dos limites da Espanha. Esta crença levou-o a falar e agir. Foi considerado fanático, contudo insistiu na idéia, rodeado de toda oposição, até que descobriu o novo continente. Então a Espanha foi obrigada a mudar a inscrição cunhada na moeda para *Plus Ultra*, que quer dizer "Mais Além."

Há muitos cristãos que julgam que, pelo fato de estarem salvos, têm tudo o de que necessitam. Suas Bíblias acham-se repletas de instruções sobre como alcançarem mais ricas experiências, mas eles desprezam o roteiro. Negligenciam os meios de graça pelos quais poderiam chegar à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo (Efésios 4:13). Que o nosso lema seja *Plus Ultra* — "Mais Além."

— *Illustrations for Preacher and Speakers*, por Keith L. Brooks.



A Inimizade Contra a Lei de Deus

PROF. VICTOR E. AMPUERO MATTA



SABEMOS de sobejo que a eterna lei de Deus, “as dez palavras” (Êxo. 34:28; Deut. 4:13; 10:44), tem sido, está sendo e será alvo especial dos ataques do maligno.

É do máximo interesse acompanharmos suscintamente a história da maneira como surgiram movimentos ou ten-

dências contra o Decálogo.

Havia entre os judeus um grupo de pessoas denominadas “Miñim”. Esta palavra aparece no Talmude e na literatura rabínica para designar, em forma depreciativa certa classe ou setor que atuava na região da Galiléia e que se opunha à lei. Informa-nos o Dr. LeRoy Edwin Froom que esta seita — considerada verdadeira abominação pelos judeus ortodoxos — chegou a ser tão desprezada que se pensou provir dela o Anticristo, o qual haveria de nascer em Corazim, educar-se-ia em Betsaida e governaria em Cafarnaum.¹

E já no período da igreja cristã, temos que nos referir ao quarto Concílio de Laodicéia realizado na Frígia, Ásia Menor, nos anos 336, 364 e 365, segundo a data mais aceita, e que expediu um cânone contra os observadores do sábado, anatematizando-os. Foi um ataque direto dirigido ao quarto mandamento do Decálogo.

A resolução do Concílio de Laodicéia reza textualmente: “Os cristãos não judaizarão nem estarão ociosos no dia de sábado, mas trabalharão nesse dia; honrarão especialmente o dia do Senhor e, por serem cristãos, se possível, não trabalharão nesse dia. Caso sejam encontrados judaizando, sejam apartados da igreja.” (Karl Joseph Hefele, *A History of the councils of the Church from the Original Documents*, tomo II, pág. 316).²

O Exato Significado do Termo “Antinominianismo”

A palavra grega *nomos* significa lei. Aparece 194 vezes no Novo Testamento. São Paulo a emprega 135 vezes. Nos evangelhos e no livro de Atos, surge 49 vezes. Não aparece nas epístolas de Pedro, de João e Judas, nem tampouco no Apocalipse.

“Antinominianismo” significa literalmente “contra a lei”. Sem dúvida a palavra “antinomia” tem o sentido de “oposição direta de duas leis de dois princípios” em sua primitiva acepção. Em segunda acepção em forma figurada, significa “contrariedade de doutrinas, caracteres, etc.”³ Fazemos esta ressalva a fim de evitar qualquer confusão entre os termos “antinomia” e “antinominianismo”. O segundo deriva do primeiro; etimologicamente têm a mesma raiz e, sem dúvida são duas coisas completamente diferentes em essência.

É indispensável também recordar que, historicamente, há duas espécies de antinominianismo:

1. Antes que surgisse o movimento adventista, empenhavam-se em reparar as roturas abertas na lei de Deus (Isa. 58:12), os que a defendiam, dentro das fileiras do protestantismo, e ao condenarem o “antinominianismo” faziam-no supondo que o domingo houvesse tomado o lugar do sábado do quarto mandamento.

Como exemplo de pastores protestantes que lutaram contra o antinominianismo, mencionamos Tomás Shepard (1604-1649), pastor calvinista de Cambridge, Massachusetts. Este ativo pregador lutou bravamente na defesa da lei divina. Contudo, não lhe passou pela mente que o sábado havia sido indevidamente eliminado do Decálogo.

O historiador Eduardo Johnson (1598-1672), que também atuou na colônia de Massachusetts (hoje parte dos EE. UU.), participou em deba-

tes provocados pelo antinominianismo. Este escritor recebeu influência de Shepard.

Como exemplo dos que foram inimigos da vigência da lei e que, por conseguinte, embandeiraram-se com o antinominianismo, citaremos Guilherme Aspinwall (atuou entre 1630 e 1662). Por algum tempo lutou contra a validade da lei, e isso lhe valeu ser privado de seus direitos civis e foi expulso de Boston. Posteriormente submeteu-se à autoridade eclesiástica e mudou seu ponto de vista.⁴

2. A partir dos dias em que Raquel Preston convenceu a alguns adventistas quanto a vigência do sábado dentro da imutável lei de Deus, e mais particularmente desde 1845, quando o capitão José Bates começou ativamente sua campanha em favor da observância do sábado bíblico, o antinominianismo assumiu novo aspecto que devemos estudar. Trata-se agora, basicamente, de uma luta decidida da parte de numerosos autores protestantes que se opõem à observância do sábado.

Várias Tendências que se Devem Distinguir

Neste esforço por eliminar a vigência do dia bíblico, o antinominianismo assumiu novo aspecto que devemos reconhecer. São as seguintes:

1. Há os que ensinam que o Decálogo caducou na cruz. Em lugar dêle, na nova dispensação, existiria um sistema denominado "a graça", emanada do espírito do evangelho.

Alguns dos versículos empregados para sustentar esta posição antinominianista extremada são os seguintes: S. João 1:17; Rom. 3:20; 6:14; 10:4; II Cor. 3:6-11; Gál. 2:16-21; 3:10-14, 17-19, 23-29; 4:4, 5, 10, 11; 5:1; Col. 2:16 e 17.

Por estas passagens chegamos à conclusão de que o cristão dominado por novos sentimentos de amor a Deus e ao próximo, sem necessitar da tutela da lei (considerada um "aio" cuja missão terminou com Cristo), naturalmente fará o bem guiado pelo novo mandamento de Cristo "que vos ameis uns aos outros" (S. João 13:34), renovado pelo ensino de S. João: "Um novo mandamento vos escrevo" (I S. João 2:8).

Os seguidores desta tendência consideram que não faz diferença dedicar a Deus qualquer dia da semana. Para isto dão ênfase especial em Rom. 14:5.

2. Outros consideram que o Decálogo permanece, com exceção da obrigatoriedade da observância do sábado. Segunda esta maneira de ver as coisas, o dedicar a Deus o sétimo dia da semana constituiria parte das cerimônias, ritos, sacrifícios e outras liturgias do sistema mosaico. Portanto, tal liturgia havia terminado na cruz.

Os que assumem esta atitude geralmente observam o domingo como uma antiga tradição da igreja cristã.

3. Finalmente, há outros credos religiosos que ensinam ser obrigatória a observância do domingo (por eles denominado "dia do Senhor") e sustentam que há provas suficientes no Novo Testamento (Atos 20:7; I Cor. 16:1 e 2; Apoc. 1:10) para afirmar que desde os dias apostólicos o primeiro dia da semana foi considerado sagrado para os cristãos. Apoiam-se também em diversas citações que provêm dos albores da nascente igreja cristã.

Os porta-vozes destas interpretações são os que advogam a promulgação das leis dominicais.

Base Bíblica Para a Posição Adventista

É indispensável recorrer a diversas passagens do Novo Testamento a fim de se provar que o Decálogo não terminou com o sacrifício de Cristo na cruz. Vale a pena enumerá-las embora sejam bem conhecidas: S. Mat. 5:17; S. Luc. 16:17; 23:56; Rom. 2:13; 7:12, 22, 23; 8:7; I Cor. 7:19; Efés. 6:1 e 2; S. Tiago 2:10-12; Apoc. 12:17; 14:12.

Lei Moral e Lei Cerimonial

Para demonstrar que os adventistas não "inventaram" as expressões "lei moral" e "lei cerimonial" (como afirmam alguns evangélicos), é necessário recorrer ao testemunho de Mateus Henry, autor presbiteriano (1662-1714). Em seu *Comentário das Escrituras* diz:

"A outra Sara, porém, tinha o objetivo de prefigurar a Jerusalém de cima, ou seja o estado dos cristãos sob a nova e melhor dispensação, ou pacto, pelo qual são livres tanto da maldição da lei moral como do jugo da lei cerimonial" *Comentário de Gál. 4:25; Volume IX, pág. 307, edição de 1887.*

"Sob o Evangelho ficamos libertados, somos postos num estado de liberdade, libertos do jugo da lei cerimonial e da maldição da lei moral; de modo que já não estamos mais presos à observância da primeira nem a rigor da outra... Devemos esta liberdade a Jesus Cristo. Ele é quem nos libertou; pelos Seus méritos satisfizes as exigências da lei quebrantada e por Sua autoridade como Rei nos dispensou da obrigação daqueles ritos carnis que se impunham aos judeus" (*Idem, comentário de Gál. 5:1, pág. 308.*)

"A liberdade que desfrutamos como cristãos não é uma liberdade licenciosa; embora Cristo nos haja libertado da maldição da lei, sem dúvida não nos livrou da sua obrigação; o Evangelho é 'conforme a piedade' (I Tim. 6:3), e está tão longe de apoiar o pecado, que nos coloca sob a mais firme obrigação de evitá-lo e dominá-lo" (*Idem, comentário a Gál. 5:13, pág. 313.*)

"A lei moral não foi senão para a localização da ferida, e a lei cerimonial serviu como sombra precursora do remédio; Cristo, porém, é o fim de ambas... Cristo é o fim da lei cerimonial; é o ponto final dela, porque é sua perfeição. Chegando a realidade, desaparece a sombra. Os sacrifícios e ofertas, e purificação indicados no Antigo Testamento prefiguravam a Cristo e O assinalavam; e sua incapacidade para tirar o pecado, tornou manifesta a necessidade de um sacrifício que remove o pecado ao ser oferecido uma só vez. Cristo é o fim da lei moral no sentido de que fez o que a lei não podia fazer (Cap. 8:3). O fim da lei era pôr o homem em perfeita obediência, e obter assim a justificação. Isto chegou a ser impossível devido ao poder do

pecado e à corrupção da natureza humana; Cristo, porém, é o fim da lei. A lei não é destruída nem fica frustrada a intenção do Legislador, mas, havendo sido obtida plena satisfação mediante a morte de Cristo de nossa violação da lei, alcança-se o fim e somos colocados sob outra forma de justificação. Cristo é assim o fim da lei para a justiça, isto é, para justificação, porém somente 'a todo aquele que crê'. Depende de crermos, isto é, de aceitarmos humildemente os termos do Evangelho... para que sejamos justificados pela redenção que é em Jesus" (*Idem*, comentário de Rom. 10:4, pág. 77).

Também João Wesley (1703-1791) diz o seguinte a respeito: "A lei ritual ou cerimonial, dada por Moisés aos filhos de Israel, que continha tôdas as exigências e ordenanças relacionadas com os antigos sacrifícios do templo, nosso Senhor certamente veio destruir, desfazer e abolir completamente. Disto dão testemunho todos os apóstolos... Esta 'célula de ordenanças' nosso Senhor rasgou completamente, e a tirou de nosso meio e a cravou na cruz. A lei moral, porém, contida nos dez mandamentos e posta em vigor pelos profetas, Ele não anulou. Não era propósito de Sua vinda revogar nenhuma parte dela. Esta é uma lei que nunca pode ser quebrantada, que 'será firme para sempre, e como testemunha fiel do Céu' (Sal. 89:37)... Cada parte desta lei deve permanecer em vigência para tôda a humanidade em todos os séculos (João Wesley, *Sermons on Several Occasions*, sermão 25, Vol. 1, págs. 221 e 222).

Há outras citações, muitas delas extraídas do mesmo *Comentário* de Mateus Henry que seria fastidioso enumerar.

No livro *Answers to Objections* do pastor Francisco D. Nichol, no capítulo 5, intitulado "The Law of God in Church Creeds" (A Lei de Deus

nos Credos das Igrejas), entre outras, há preciosas referências aos valdenses, citações do Catecismo de Lutero, Catecismo de Heidelberg, da Confissão de Fé Escocesa, Segunda Confissão Helvética, Trinta e Nove Artigos de Religião da Igreja da Inglaterra, Catecismo Anglicano, Confissão de Fé de Westminster, Confissão Batista de 1688, Confissão Batista de New Hampshire de 1833, dos Artigos de Religião Metodistas de 1784, Catecismo Maior da Igreja Católica Ortodoxa Oriental de 1839 e uma declaração de D. L. Moody. Tôdas estas declarações são acordes em reconhecer a vigência do Decálogo divino.

O livro *Drama of the Ages* do extinto pastor W. H. Branson, no capítulo "God's Two Laws", apresenta vários testemunhos, provindos de várias igrejas protestantes, pelos quais se vê claramente que essas confissões distinguem clarissimamente a diferença entre o cerimonial e o moral dentro da vontade de Deus expressa em Sua Palavra. Nesse mesmo capítulo, há um testemunho notável de Dwight L. Moody, de seu livro *Weighed and Wanting* (Pesado e Achado em Falta), que ressalta a obrigatoriedade das "dez palavras" escritas pelo próprio Deus como um código imutável e perfeito.

1. *The Prophetic Faith of Ours Fathers*, Vol. 1, pág. 584.
2. É útil lembrar que este Concílio de Laodicéia é considerado como mero sínodo local. Sem dúvida, o Concílio de Calcedônia (ano 451), em seu primeiro cânone, deu validade ecumênica a todos os sínodos anteriores.
3. *Enciclopédia Espana*, Volume 5, pág. 790.
4. Esta informação procede do livro *The Prophetic Faith of Our Fathers*, de Dr. LeRoy Edwin Froom, Volume 3, págs. 43, 88 e 92.

O Gnosticismo

FREDERICO DÍAZ J.

Pastor da Igreja de Fala Castelhana de Santa Maria, Califórnia

UM dos mais formidáveis inimigos que o cristianismo teve de enfrentar no século II, foi o sistema herético conhecido pelo nome de *gnosticismo*, que por longo tempo procurou sufocar o cristianismo que avançava celeremente ganhando adeptos em todo o mundo conhecido.

Este sistema filosófico constituiu uma das mais fantásticas invenções da imaginação humana. A denominação provinha do vocábulo grego "gnosis", que quer dizer "ciência, conhecimento". Era uma hibridação de cristianismo, judaísmo, dualismo persa, budismo além de ou-

tros vários elementos da filosofia e teosofia orientais. Asseveravam os partidários desta filosofia que possuíam o verdadeiro conhecimento das coisas celestes.

O Oriente foi o berço deste complicado sistema que, com o decorrer do tempo, ocupou também lugar importante no pensamento europeu, devido às grandes conquistas de Alexandre Magno que puseram os gregos em contato com as idéias orientais, promovendo a disseminação das mesmas.

Havia grande número de seitas gnósticas, entre elas as de Basilides, Valentim, Carpócrates e a dos Ofitas, tôdas originárias de Alexandria, grande metrópole do Egito fundada em 332 A.C. por Alexandre Magno. O historiador Lars P. Qualben refere-se a esta cidade como o "viveiro do gnosticismo"¹ já que seu ambiente cosmopolita onde se misturavam o grego, o judeu e o egípcio prestava-se, de modo especial, a seu desenvolvimento. Por isso o gnosticismo hebreu esteve no auge neste grande centro intelectual. Existiu também na Síria uma forma de gnosticismo com mais ênfase sôbre o *dualismo*, devido à proximidade dêste país com a Pérsia. Destacou-se na Síria um tal Saturnino como melhor representante do gnosticismo. Foi, contudo, a Alexandria quem com mais galhardia e êxito ergueu alto a bandeira dêste falso sistema filosófico-religioso.

Tão profundas, intrincadas e minuciosas são as crenças gnósticas que nos ateremos apenas a uma rápida revista de suas principais doutrinas e "pontos de fé":

1. O dualismo, ou seja, a existência de dois deuses — o verdadeiro e o demiurgo, ou deus oposto ao verdadeiro e a tôda luz e conhecimento celeste, o que criou a Terra. Pode-se notar aqui a influência dos persas, que criam na existência de duas poderosas forças antagonicas.

2. O demiurgo, ou deus inferior, com a ajuda de seus anjos, criou a Terra. Daí a teoria gnóstica de que o mal é inerente a tôda a matéria e a tudo o que se percebe através dos sentidos. Portanto, os gnósticos negavam categoricamente a encarnação do Filho de Deus, declarando ser impossível para um ser divino assumir um corpo material. Argumentavam que a encarnação foi mera "aparência" e que, na verdade, não se efetuou. Sendo o mal inato à matéria, os gnósticos assumiam uma atitude hostil para com o corpo humano. Para demonstrar sua hostilidade, tornaram-se rigorosamente ascéticos, praticando tôda sorte de vícios e obscenidades. Dêstes rudimentos se desenvolveu o anacoretismo e o monasticismo dos séculos subsequentes.

3. O problema da origem do mal que, desde tempos imemoriais, tem ocupado a mente dos homens, absorvia também por completo o interesse dos gnósticos. Estabeleceram a hipótese de que tôda a matéria é essencialmente má e que, dominá-la, inclusive ao corpo, é tarefa de todo homem enquanto viver, e que afinal obterá a salvação, que, para eles, era o completo desprendimento da matéria e dos sentidos, e a absorção das "esferas espirituais", algo assim como o nirvana dos budistas. Estas coisas influíram muito no gnosticismo. Já que reclamavam para si a verdadeira "gnosis", pensavam que por meio dela se livrariam das garras do demiurgo, o deus de tôda matéria.

4. Há três classes de homens no mundo — os *materiais* ou carnaís, os *psíquicos* e os *pneumáticos* ou espirituais. Era crença gnóstica que de todos eles sômente os espirituais eram capazes de compreender as coisas celestiais e serem salvos. Êste conceito deu lugar à idéia da predestinação, que ainda hoje é sustentada por alguns.

5. O universo, como a humanidade, acha-se dividido em três partes: a *região material*, ou visível, composta de fogo, água, terra e ar; a *hebdómada* ou porção "psíquica", composta de éter, denominada também a região dos sete planetas; e por último, a *ogdoada* ou região espiritual ou "terceiro céu", composta das "substâncias mais puras", e onde mora o Deus Infinito. Entre as regiões material e espiritual existiam, segundo os gnósticos, uma infinidade de seres intermediários conhecidos conjuntamente no idioma grego como *pleroma*, conceito que, com o correr dos anos, deu lugar à introdução na igreja das imagens, à veneração dos santos, ao sacerdócio e à jerarquia eclesiástica.

Nenhum tratado sôbre gnosticismo será completo sem mencionar a Marcion (c. 120) bispo de Sínope, cidade do Ponto, Ásia Menor, que por suas tendências gnósticas foi excomungado em 144. Foi o primeiro a divorciar o judaísmo do gnosticismo, asseverando que o Jeová do Antigo Testamento era o demiurgo que criou o mundo material, e portanto era um Deus imperfeito, oposto ao verdadeiro. Tudo quanto, no Nôvo Testamento, se opunha às suas teorias, foi declarado espúrio. Já que as duas têsças partes do Nôvo Testamento não se enquadravam em sua doutrina, Marcion o rejeitou todo, com exceção dos escritos de S. Lucas e S. Paulo, dos quais só aceitou uma edição mutilada do evangelho de S. Lucas, mesmo assim depois de cuidadosamente revisado. Aceitou também dez das epístolas de S. Paulo, recusando acentar as denominadas pastorais. Marcion foi reconhecido na História como "o primeiro crítico racionalista, um dos precursores da escola moderna da Alta Crítica."²

Por longo tempo o gnosticismo, tanto no Oriente como no Ocidente, ameaçou suprimir o cristianismo. Surgiu num período de transição na ordem de coisas entre o pagão e o cristão, quando o cristianismo estava em sua infância e sua doutrina e organização estavam ainda em estado de formação.

O insigne historiador Filipe Schaff refere-se às heresias dos tempos apostólicos como sendo "caricaturas... da verdadeira doutrina."³ Em particular assinala o gnosticismo como sendo "paganismo batizado."⁴ E na verdade o era, já que nas ensinanças gnósticas se podiam reconhecer a terminologia e os conceitos do cristianismo, e a imitação dos ritos cristãos. Pre-

tendiam os gnósticos que suas doutrinas fossem uma revelação esotérica do Senhor Jesus Cristo e Seus apóstolos. Intitulavam suas obras com nomes iguais aos dos livros que agora fazem parte das Escrituras Sagradas, como "Os Atos dos Apóstolos", "Apocalipse" e grande número de "Evangelhos" e "Epístolas" — tôdas obras apócrifas.

Longo tempo lidou o cristianismo com o gnosticismo, que na verdade era uma espantosa deturpação de seus ensinamentos. A Epístola aos Colossenses dizia-se haver sido escrita para contrarrestar a influência do gnosticismo. Nesta carta alude S. Paulo ao ascetismo e à adoração dos anjos, característicos do gnosticismo, concluindo: "Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos..."⁵ Na luta contra êsse falso sistema destacaram-se mais tarde Hipólito, Irineu, Orígenes, Teodoreto e Epifânio — todos conhecidos como "historiadores do gnosticismo". A igreja ativou-se ainda mais sob o impacto do gnosticismo, cristalizando sua própria teologia e estabelecendo normas definitivas às quais devia ajustar-se quem professasse ser cristão, tais como o Credo dos Apóstolos e a estrutura do cânon do Nôvo Testamento — esta última parte para salvaguardar a igreja da espúria literatura dos gnósticos.

O gnosticismo propriamente dito passou finalmente ao esquecimento, embora deixasse suas marcas evidentes em muitos falsos ensinamentos religiosos que subsistiram até nossos tempos. Se fossemos, porém, indicar a mais perniciosa doutrina gnóstica, diríamos sem titubear que foi a negação completa da encarnação do Filho de

Deus — o coração do cristianismo. As violentas controvérsias sobre a natureza e pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo que acompanharam a era do gnosticismo, constituem evidência dos efeitos nocivos desta teoria. Em algumas seitas modernas ela assumiu a forma de negação da divindade de nosso Senhor, conceituando-O como mero homem, não como completamente homem e completamente Deus — Filho do homem e Filho de Deus — no qual "habita corporalmente toda a plenitude da Divindade"⁶ Com razão escreveu Moorehead: "Não há quase nenhuma forma de ceticismo ou misticismo moderno, por extravagante que seja, que não tenha sua réplica ou germens na era apostólica..."⁷

Bem havia o apóstolo S. Paulo admoestado a Timóteo: "... guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da *falsamente chamada ciência*⁸, a qual professando-a alguns, se desviam da fé".⁹

Embora alguns erraram, o cristianismo finalmente obteve a vitória sobre o gnosticismo, um dos mais temíveis rivais que teve de enfrentar.

1. Lars P. Qualben, *A History of the Christian Church*, pág. 75.
2. F. J. Foakes-Jackson, *The History of the Christian Church*, pág. 140.
3. Filipe Schaff, *The History of the Christian Church*, Vol. 1, pág. 565.
4. *Idem*, pág. 566.
5. Colossenses 2:18.
6. Colossenses 2:9.
7. *Outline Studies in the New Testament*, Tomo 2, pág. 75.
8. Do vocábulo grego *gnosis*, do qual deriva o nome dos gnósticos.
9. I Timóteo 6:20.

Controvérsias Cristológicas

GASTÓN CLOUZET

Diretor do Departamento de Rádio da União Austral



A HISTÓRIA da igreja cristã não foi uma exceção neste mundo de pecado; viu-se também sacudida por conflitos. Os séculos IV e V presenciaram controvérsias Cristológicas, sendo a mais notável delas provocada pelo arianismo — doutrina que exerceu notável influência durante vários séculos, estando presente ainda em nossos dias no unitarismo e nas chamadas testemunhas de Jeová.

Seu iniciador foi o presbítero de Alexandria, chamado Ário. Nasceu na Líbia ou em Alexandria, aproximadamente no ano 256 de nossa era. Recebeu educação religiosa por meio de Luciano, bispo de Antioquia. Faleceu em Constantinopla no ano 336.

É descrito como homem alto e magro, de aparência deprimida. Sua vida, muito austera, e seu caráter moral, irreprochável, não receberam nenhum ataque mesmo dos encarniçados inimigos. Era erudito, orador de palavra fácil e de extraordinária simpatia. Era dotado de espírito

combativo, do qual se vangloriou durante a controvérsia a que nos estamos referindo.

Antes de abordar a história das doutrinas do arianismo, seria bom recordarmos que a Cristologia constitui o conjunto de doutrinas relativas à pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo, Sua relação com o Pai e com o Espírito Santo, Seu lugar na divindade, e a relação que existe entre Suas naturezas divina e humana.

A Cristologia da igreja cristã primitiva pode sintetizar-se na confissão de Pedro, registrada em S. Mateus 6:16, e na declaração que encontramos em S. João 1:14, onde nos é dito que “o Verbo (Logos) Se fez carne, e habitou entre nós (e vimos Sua glória, glória como a do unigênito do Pai), cheio de graça e de verdade”.

As especulações dos teólogos em torno desta doutrina bíblica do *Logos* deram origem a duas heresias, a saber: o *ebionismo* e o *gnosticismo*. A primeira, eminentemente judaica, asseverava que Jesus era apenas um ser humano, totalmente despojado de Sua natureza divina, enquanto a segunda, marcadamente pagã, sustentava que Cristo era só divino, sem natureza humana. Sua humanidade era totalmente ilusória.

Não dispomos de espaço para fazermos um estudo do desenvolvimento da Cristologia através dos anos, e apenas mencionaremos que Justino Mártir, de Alexandria, com Orígenes, Ireneu e Dionísio, bispo de Roma, adiantaram diversas doutrinas e definições que, paulatinamente, foram dando forma à Cristologia.

Queremos destacar entre os nomes mencionados, sem dúvida, o de Orígenes, teólogo falecido no ano de 254, porque em sua Cristologia encontramos as raízes da controvérsia ariana. Com efeito, Orígenes incorre em contradições ao definir a natureza de Cristo e Sua relação com o Pai. Diz, por um lado, que Cristo é eterno e divino, e por outro, assevera que é distinto do Pai e subordinado a Ele. Referindo-se a Jesus, emprega expressões como esta: “um Deus secundário”. Em compensação, falando do Pai, chama-o de “o Deus”. Afirma que o *Logos* foi um ser criado, uma espécie de transição entre o Pai incriado, e os demais seres da criação.

Outras causas da controvérsia ariana encontramos na escola de Antioquia. Um sínodo celebrado nessa cidade, no ano de 268, rejeitou a identidade de essência entre o Pai e o Filho. Deste modo surgiu a doutrina da “subordinação” do Filho ao Pai. Um dos principais defensores desta escola foi Luciano, mestre de Ário.

No ano 318 começou Ário a pregar de forma ostensiva suas conclusões a respeito da Cristologia. Resumimos duas doutrinas nos seguintes termos: negava a divindade de Jesus Cristo;

realçava a subordinação do Filho ao Pai; destacava a diferença essencial entre o Pai e o Filho — doutrina que era resumida na expressão grega “hetero-ousios” [essência diferente] ensinava além disso que Cristo existia antes da criação do mundo, porém não era eterno, por ter sido criado do nada pela vontade onímoda de Deus; admitia, por outro lado, ter sido o criador do mundo atual e ensinava que Se encarnara para conseguir nossa salvação.

Alexandre, bispo de Alexandria, opôs-se tenazmente aos ensinamentos de Ário, e no ano 320 ou 321, não se sabe ao certo, convocou um concílio nesta cidade, que condenou a Ário, excomungou-o publicamente e o expulsou da cidade.

Não obstante estas circunstâncias adversas, Ário continuou pregando, e tanto Eusébio de Cesaréia como Eusébio de Nicomédia o aceitaram entre eles e o ampararam. Não poucas igrejas da Ásia perfilharam suas opiniões que começaram a estender-se como rastilho de pólvora. Os Eusébios — se assim os podemos chamar — lograram êxito algum tempo, depois de Alexandre e Ário se reconciliarem.

Logo recommençaram as dificuldades, até que em 325 foi convocado em Nicéia um concílio eclesiástico, que condenou o arianismo e aprovou um credo denominado ortodoxo, redigido nos seguintes termos:

Creemos num só Senhor Jesus Cristo, unigênito Filho de Deus, gerado do Pai antes de todos os mundos, Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus, originado, não criado, consubstancial com o Pai; porque nEle foram criadas todas as coisas; quem por nós e nossa salvação desceu do Céu, encarnou-se pelo Espírito Santo na Virgem Maria, e foi feito homem”.

Entre os anos 325 e 361 desenvolveu-se a reação e a vitória momentânea do arianismo. Os Eusébios mencionados anteriormente se colocaram decididamente a seu lado. Ário conseguiu chegar à corte do imperador por meio de Constância, irmã deste. Exilado na Ilíria, pediu-lhe que voltasse a Constantinopla, para ser reintegrado na igreja, devolvendo-se-lhe todas as honras, porém um dia antes que isto ocorresse faleceu repentinamente. Seus inimigos proclamaram que sua morte foi intervenção providencial. Seus partidários afirmavam, em contrário, que havia sido envenenado.

Contudo apesar da morte de Ário, as doutrinas arianas continuaram progredindo. Muitos teólogos, no afã de conciliar as tendências extremas, trinitária e ariana, estabeleceram um sistema a que chamaríamos de “semi-arianismo”. Era uma doutrina de transição entre as duas mencionadas. Em vez de dizerem como os arianos que a essência de Jesus era diferente da do Pai, ou em vez de afirmarem com os trinitários, que a essência de Cristo era igual à de Deus, asseveravam que a essência era *semelhante* à do Eterno. Era esta uma doutrina ambígua que, por certo, não podia manter-se por muito tempo.

Houve uma época em que a maior parte da cristandade chegou a ser ariana. De início o era a maioria das igrejas gregas e orientais, e os arianos, evidentemente possuídos de grande zelo missionário, levaram o Evangelho aos germanos do norte e oeste da Europa, e os converteram ao cristianismo.

Não era, porém, a doutrina de Ário, mas a ortodoxa que estava destinada a triunfar finalmente. O campeão desta doutrina foi Atanásio de Alexandria, nascido, segundo se crê, no ano 293, e falecido em 373. Pode-se chamá-lo de pai da ortodoxia ou trinitarismo. Cabe-lhe parte da glória da defesa desta doutrina junto com os três bispos de Capadócia, a saber, Basílio, Gregório Nacianceno e Gregório de Nisa. Foi esta a doutrina que primeiramente triunfou no Concílio de Nicéia, e por fim, no Concílio de Constantinopla, celebrado no ano de 381.

A Cristologia adventista funda-se nas declarações da Sagrada Escritura e não em credos, por antigos e respeitáveis que sejam. Um resumo do

que cremos a este respeito se acha no artigo segundo da "Declaração das Crenças Fundamentais", que assim reza:

Que a Divindade, ou Trindade Divina, consiste do Eterno Pai, Ser pessoal, espiritual, onipotente, onipresente, onisciente, infinito em sabedoria e amor; do Senhor Jesus Cristo, Filho do Eterno Pai, por Quem tôdas as coisas foram criadas e por Quem se realizará a salvação dos remidos; do Espírito Santo, terceira pessoa da Divindade, o grande poder regenerador na obra da redenção. S. Mat. 28:19.

Diremos, para concluir, que nosso exame desta controvérsia Cristológica não devia limitar-se a um estudo superficial, como alguém que examinasse uma peça de museu. O fato de as doutrinas de Ário estarem presentes no século XX por meio de uma organização ativa e agressiva, como a constituída pelas chamadas testemunhas de Jeová, deveria induzir-nos a estudar profundamente este assunto para sabermos a verdade bíblica sobre elas, de maneira que a espada do Espírito, manejada sãbiamente, seja a arma poderosa que nos dê a vitória na luta contra o erro.

"SIDE LINES"

(Atividades Marginais)

QUANDO o Senhor chamou os Seus discípulos, estes deixaram tudo que estavam fazendo, e O seguiram. A respeito dos pescadores que foram chamados diz o registo sacro: "Então eles deixaram imediatamente as rêdes, e O seguiram" (S. Mar. 1:18, Trad. Almeida Revista). Daqui não se infere que os discípulos começaram a dividir seu tempo entre o seguir ao Mestre, e a pesca. Sômente ao desanimarem, quando lhes faltou fé no Mestre, os antigos pescadores voltaram a dedicar-se à pesca. A intenção do Senhor era que dali por diante tôdas as suas capacidades, tempo e energias fôssem dedicadas ao elevado chamamento do Céu — pescar homens para o reino de Deus. Esta devia ser uma tarefa de tempo integral. Não iriam ter tempo para nenhuma outra coisa; não deviam ser homens de lealdade dividida. Disseram com verdade: "Eis que nós tudo deixámos, e Te seguimos".

Escrevendo a seu mais jovem companheiro na obra, faz o apóstolo S. Paulo uma declaração patética em II Tim. 4:10: "Porque Demas me desamparou, amando o presente século". Tratava-se de um homem de lealdade dividida. Havia escutado e sentido a força do chamado divino para servir, e o aceitara. Tinha, porém, inte-

resses mundanos que não podia esquecer de todo. Não sabemos em que consistiam estes interesses. Sem dúvida, não chegou a ser um homem de um só propósito, e finalmente a coisa menor o desviou da coisa maior.

Uma das mais bem sucedidas artimanhas do inimigo no sentido de neutralizar a eficiência e utilidade de um obreiro é levá-lo a dividir sua atenção. Esta divisão de tempo e de atenção entre seu chamado espiritual e seus interesses materiais, aniquilou a muitos obreiros que, no princípio, haviam exercido poderosa influência na causa de Deus. O apóstolo S. Paulo achava-se muito preocupado, receoso de que Timóteo, a quem amava ternamente, se convertesse num ministro de destaque, cujo zelo e devoção pela obra de Deus fôssem diminuídos pelo amor aos ganhos materiais. Por isso escreveu-lhe as palavras expressivas: "Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar aquêle que o alistou para a guerra" (II Tim. 2:4). Referindo-se a este texto, diz o comentarador Adão Clarke:

"Não era permitido aos legionários romanos ocuparem-se na agricultura, no comércio, em empregos mecânicos nem nenhuma outra coisa

que fôsse incompatível com sua vocação. (Roma conhecia o valor dos soldados totalmente dedicados a seu chamado.) Em várias épocas, muitos cânones se redigiram para evitar que os clérigos se ocupassem em trabalhos seculares. O que prega o Evangelho conscienciosamente, e deseja dar uma prova cabal de seu ministério, não necessita ter outro trabalho. Deve dedicar-se exclusivamente a esta tarefa, a fim de que todos possam beneficiar-se com sua atitude”.

O assunto das atividades marginais não parece ser fenômeno limitado à nossa época. Este “entremetimento” da parte dos eclesiásticos parece haver afetado a igreja cristã de anos passados. Constitui triste espetáculo, em qualquer época, ver alguém que se cingira com a armadura espiritual correspondente a um soldado de Cristo, envolvido em negócios desta vida em detrimento de sua militância espiritual. O chamamento de Deus é tarefa que requer tempo integral. Escrevendo a Timóteo, em outro lugar, depois de mencionar suas responsabilidades de obreiro evangélico, diz o apóstolo: “Medita estas coisas; *ocupa-te nelas*, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: *persevera nestas coisas*; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem” (I Tim. 4: 15 e 16. Grifos nossos.)

Não somente Deus, mas também os que o ouvem, esperam que o obreiro evangélico se dedique inteiramente ao seu trabalho. Se não o faz, o observam e sofrem a influência de sua conduta. As pessoas não podem compreender como um obreiro adventista pode empregar parte de seu tempo na proclamação da iminência da vinda do Senhor, e dedicar o resto do tempo no preparo para uma estada indefinida e cômoda neste mundo, o qual, segundo a pregação que apresenta, está destinado a uma rápida e completa destruição!

Não se pode afirmar honestamente que os ganhos denominacionais dos obreiros sejam insuficientes, necessitando complementá-los mediante atividades marginais. Com o magnífico plano que temos para o sustento de nossos obreiros, não têm eles a menor escusa para enredar-se em atividades marginais. Até onde se pode verificar, e tomando em consideração todos os fatos, nossos obreiros de outros países são também bem atendidos nesta parte. Anos antes que o nosso excelente plano de manutenção de obreiros estivesse tão adiantado como hoje, a irmã White escreveu o seguinte:

“Com relação às coisas temporais, têm eles [os obreiros] uma porção melhor do que seu Senhor, e melhor do que Seus discípulos escolhidos, a quem Ele enviou a salvar os perdidos.” *Testimonies for the Church*, Vol. 2, pág. 345.

Em no Volume 5, pág. 531, lemos:

“Deve o ministro guardar-se especialmente de qualquer enrêdo mundano, e unir-se à Fonte de todo poder, a fim de que possa representar corretamente o que significa ser cristão. Deve desprender-se de tudo que possa, de algum modo, desviar sua mente de Deus e da grande tarefa para este tempo.”

Nos escritos do Espírito de Profecia há muitas passagens como esta que insistem com os obreiros para que deixem qualquer atividade que lhes possa desviar a atenção da grandiosa tarefa a que foram chamados a executar, e à qual devem dedicar-se completamente. No Volume 2, pág. 623 dos *Testimonies* encontramos a seguinte declaração escrita para um obreiro que achava tempo para dedicar-se às atividades marginais:

“Estais sacrificando vossa reputação e vossa influência no altar de um espírito avaro. A preciosa causa de Deus está sendo desacreditada em virtude desse espírito que se apoderou de seus ministros. Estais cegados, e não vêdes quão especialmente ofensivas são para Deus estas coisas. Se estais decididos a sair e obter tudo o que podeis do mundo, fazei-o, mas não sob a capa da pregação de Cristo. Vosso tempo é ou não dedicado à causa de Deus. Vossos próprios interesses têm sido supremos. O tempo que devíeis dedicar à causa de Deus, é despendido demasiado em favor de vossos interesses pessoais, e recebeis da tesouraria de Deus recursos que não ganhastes”.

De *Obreiros Evangélicos*, págs. 339 e 340, extraímos as seguintes declarações:

“Tôdas as energias do ministro são necessárias a sua elevada vocação. O que há de melhor em suas faculdades, pertence a Deus. Ele não se deve meter em especulações, ou em qualquer outro negócio que o desvie de sua grande obra. ‘Ninguém que milita’, declara Paulo, ‘se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar Aquele que o alistou para a guerra.’ II Tim. 2:4. Assim acentuou o apóstolo a necessidade do ministro de se consagrar sem reservas ao serviço do Mestre.

“O ministro inteiramente consagrado a Deus, recusa-se ocupar-se com negócios que o impeçam de dedicar-se plenamente a sua sagrada vocação... Satanás apresentou essa sedução a Cristo, sabendo que, se Ele a aceitasse, o mundo nunca seria redimido. E sob vários disfarces, apresenta a mesma tentação aos ministros de Deus hoje em dia, sabendo que os que por ela forem iludidos, serão desleais à confiança nêles depositada”.

Estas declarações da pena inspirada são claras e explícitas. Não necessitam de muito comentário. Os homens e mulheres chamados a trabalhar nesta causa devem ser obreiros de leal-

dade indivisa. Se realizam seu trabalho com fidelidade, não terão tempo para atividades marginais. Dirão com o apóstolo S. Paulo: "Uma coisa faço". No primeiro versículo de sua epístola à igreja de Roma, refere-se explicitamente a suas obrigações, como as entende, em relação com Cristo e Sua causa: "Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus." Paulo foi obreiro evangélico de tempo integral. Dedicou todo seu tempo à proclamação do Evangelho, e cria que o plano evangélico supria as necessidades daquela que se dedicava a esta tarefa. Disse: "Os que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho"; por isso considerava-se apartado para pregar as boas-novas de Deus.

Nos *Regulamentos* (praxes) da Associação Geral, pág. 77, aparece a seguinte declaração: "1. Os obreiros de nossas associações e instituições deverão abster-se de toda atividade marginal lucrativa, e dedicar-se por completo à obra denominacional e ao ministério do Evangelho".

No *Livro de Regulamentos da Divisão Sul-*

Americana, pág. 61, encontramos o seguinte:

"O obreiro não deve ocupar-se em trabalhos fora de seu emprêgo na obra sem fazer plenos arranjos com a Mesa de sua associação ou missão. Se receber pagamento pelos trabalhos feitos fora da obra, deve isto ser relatado ao tesoureiro do campo como receita para a organização. Isto inclui remunerações por serviços médicos e outros serviços remuneráveis".

Um de nossos veteranos obreiros, que dedicara mais de meio século de trabalho à causa, pouco antes de falecer, foi solicitado pela Associação Geral a preencher certo questionário. Uma das perguntas que devia responder era: "A que outras atividades se dedicou além da obra denominacional?" A resposta foi: "Nunca me dediquei a outro trabalho a não ser ao trabalho do Senhor". Que declaração magnífica da parte de um obreiro adventista no final de sua carreira terrena! Uma pessoa assim certamente é um dedicado servo de Jesus, apartado para o evangelho de Cristo. Que possamos ser obreiros assim.

OBRA PASTORAL



Fechai Essa Porta!

E. E. CLEVELAND

Secretário da Associação Ministerial da Conferência Geral



SE as retiradas da igreja prosiguem na atual proporção, dentro em breve haverá mais ex-cristãos do que cristãos. Servem-se os pecadores deste fato para pôr em dúvida o poder de Deus. "Cristo não é capaz de manter os que Lhe pertencem?" — indagam. A resposta é que Ele é capaz.

No entanto, Ele confiou à Sua igreja a terrível responsabilidade de associar-se neste divino empreendimento. Cada pastor individualmente, em relação a este assunto, uma respon-

sabilidade que lhe foi dada por Deus. A nós nos é enviada a ordem, com a força dos Dez Mandamentos: "Fechai essa porta! Obstruí as saídas! Detende a onda de apostasia!"

De geral preocupação à igreja cristã é o fato de nem todos os seus adeptos serem verdadeiros. Os que se apartam da fé são denominados apóstatas, e na verdade o são. Perturbando a consciência do ministro consciencioso, surge, no entanto, a pergunta: "Como podia eu tê-los salvo?" E para aumentar sua perplexidade há o fato de que a proporção da apostasia não está diminuindo. Pelo contrário, está sendo arrasadora. Sua incidência ameaça toda a saúde da

igreja. Este melancólico êxodo de pecadores e desiludidos empresta significado ao título deste artigo: "Fechai Essa Porta!" (A porta dos fundos, certamente.)

A Quem se Deve Culpar?

É lamentável, porém exato, que a maioria dos apóstatas abandona a igreja depois de dez anos de haverem sido membros dela. Que eles deixam a verdade, é em si um pensamento chocante. A quem se deve inculpar por êsse estado de coisas? O evangelista? Para ser exato, êle está muito longe de ser perfeito, e seria o primeiro a admitir que se conhecesse um método melhor, o adotaria. Seria justo responsabilizar um homem pelas almas, quando êle já se transferiu para novo campo, e provavelmente se encontra a centenas de quilômetros da cena? "Se são genuínos, permanecerão," é uma hábil filosofia, mas que de fato tem pouca base.

Por que os ministros são aconselhados a "apacentar o rebanho espiritual de Deus"? Por que os homens insistem em visitar e aconselhar os membros da igreja? A resposta é clara. Nenhum agricultor plantaria uma roça, e deixá-la-ia sem cuidar supondo que subsistiria bem. Não, os "nascidos de novo" por si mesmos não se "fixariam" no reino. Qual pai que, lendo êste artigo, ousaria deixar seu filho recém-nascido descuidadamente supondo que "se fôr alguma coisa boa, subsistirá"?

Bem, então, a quem se deve culpar? Ao pastor? Pesa-lhe a responsabilidade de manter o que tem e além disso o que lhe é acrescentado. O melhor pastor admite suas faltas e anseia por melhores respostas. Êle não é um super-homem. Mas executaria tudo o que suas obrigações dêle requerem. Em certos setores há a crescente convicção de supor que êle seja capaz de realizar tudo isto. Mas o que diríamos de alguém julgar-se "factótum"? A resposta é simples. Um líder que a tudo dirige sozinho deve ser um líder quase sucumbido.

Alguns sugerem que seja feita uma ampla distribuição entre outros membros leigos competentes. Com isto a Bíblia e o Espírito de Profecia estão de acôrdo. Qualquer estímulo que transforme um homem mecanizado numa vitoriosa alma chamada por Deus é um mistério. O pastor é um evangelista; sua igreja um centro evangelístico. A conquista de almas deve requerer sua primeira atenção. Deixar as outras coisas para os outros.

Mas a quem se deve atribuir a razão da apostasia? A organização da igreja? Por muitos anos o autor tem lidado com administradores e ainda está por encontrar alguém que pretenda ser infalível. Infelizmente há imperfeições onde quer que a mão do homem toque no "arado do evan-

gelho". Mas além disso como promover e dirigir uma operação no mundo? A insistência no cumprimento do dever não constitui infração da liberdade; antes a assegura. Como então, a não ser por meio da organização administrativa, se poderia pôr em ação as forças coercivas de todos os membros? Espera-se dos administradores, com muita razão, exigirem, e dos promotores, inspirarem. Na implantação metodológica do programa, o pastor tem ampla liberdade. Com esta extensão podemos certamente concluir que aqueles que culpariam o programa, na ausência de uma desculpa, culpariam o tempo. Uma vez que o ânimo passou, a culpa alastrou-se, a porta dos fundos permanece entreaberta e o êxodo dos apóstatas continua.

Tornamo-nos Rotineiros?

Em parte a raiz destes males está no fazer coisas costumeiras de um modo costumeiro. O autor teve o privilégio de ouvir, num recente concílio evangelístico, um ministro que resolvera fazer do culto de quarta-feira, algo excepcionalmente interessante. Seu semblante brilhava de júbilo enquanto falava das centenas de almas que se reuniam para o culto semanal. Outro relatou como transformara seu culto de domingo à noite de um "osso sêco" para os membros, num banquete para o público em geral.

Durante certas campanhas alguns pastôres bombardeiam os crentes com uma sarivada de estímulos, restando pouco tempo para a pregação da cruz. Outros, planejam nos bastidores e executam através de comissões e das visitas aos lares, aliviando desta forma o culto de sábado de fatigantes pormenores. Não é êste o melhor caminho? A rotina gera a apostasia. Não há alguém necessitando de uma música suave ou sermões refrigerantes? O púlpito não é lugar para coisas "sem sabor". Os sermões cheios do Espírito que refleitam as velhas verdades sob um molde novo lotarão outra vez os bancos da igreja. O vírus da conformidade ameaça a vida. O germe da vida está sendo sufocado pela rotina. Os asfiantes membros anseiam por uma brisa de ar fresco. E nós que preservamos a vida devemos deixá-los viver.

Fechando a Porta

A proporção de apostasia da igreja não é coisa que deva perdurar. Em grande escala a apostasia não é inevitável. O número de defeitos dos membros pode ser reduzido. Mas como?

1. O evangelista deve integrar-se com o pastor no programa evangelístico. Isto facilita a transição ao deixar o evangelista o recinto.

2. O pastor deve guardar as almas junto à congregação com o mesmo zelo como se fôsse o único que as trouxera. Em Lincheburgó, Estado de Virgínia, onde um evangelista construí-

ra uma nova igreja e partiu para outros campos, o pastor freqüentemente referia-se ao evangelista. Isto fez com que granjeasse muita simpatia da congregação.

3. Os novos conversos devem ser, com bastante tato, integrados no programa administrativo da igreja. Embora o dízimo e as ofertas voluntárias sejam essenciais ao desenvolvimento cristão, o tempo e o tato devem proporcionar atmosfera para o crescimento de outras virtudes.

4. Visitas devem ser instituídas com o único propósito de um contato sistemático com os neoconversos. Um converso de pouco disse-me como se decepcionara depois do batismo quando cessaram as constantes visitas pré-batismais. Declarou que as necessitava mais depois do batismo que antes. É este nosso calcanhar de Aquiles. Fechai esta brecha, e estancar-se-á o fluxo de apóstatas.

5. Alguma forma de responsabilidade especial deve ser atribuída aos recém-conversos logo após o batismo. Alguns já assumiram antecipadamente sua responsabilidade. Nada, provavelmente, prende mais a atenção de um neófito do que uma boa ocupação. É menos provável um leigo ativo apostatar.

6. Um ministro dirigia uma classe bíblica semanal em sua igreja. Ele a realizava na sexta-feira à noite. Para torná-la interessante preparava um variado programa. Incluía testes, enigmas bíblicos, músicas especiais, prêmios pela freqüência; e em cada noite ensinava uma dou-

trina da igreja. Isto não somente firmava os novos na fé como também atraía visitantes.

7. Finalmente, nada mais pode fechar a porta da apostasia do que um sermão bíblico Cristo-cêntrico. Deve lembrar-se que um texto do sermão nada mais é do que um caminho para Cristo. Todos sermões devem ser baseados n'Ele. Qualquer coisa a mais é um discurso. O ministro deve estar menos preocupado em amoldar sua mensagem de acordo com as mentes do que revelar Cristo às massas. Cristo é que atrairá.

Fechar a porta aos que pela fraqueza, temor ou decepção vão mergulhar no abismo, requer o máximo de todos nós. A lamentação não beneficiará, nem a culpa solucionará. Unicamente uma imediata e resoluta ação será de proveito. *Uma alma ganha, depois perdida, é pior que uma alma jamais ganha.* A apostasia não deve ser razão para esfriar o ardor daqueles que ganharam os perdidos. É lógico que este não é tempo de parar os batismos porque alguns abandonam. Antes este fato proporciona urgentemente um aumento de produtividade. Tampouco podemos aprovar a filosofia negativa: "Se salvamos somente o que temos, seria igual ao total de batismos num determinado ano." O tempo requer que salvemos o que temos e aumentemos os batismos. Gostáreis de pôr um cântico nos lábios dos anjos e levar alegria ao coração de Deus? Então fechai a porta da igreja à apostasia, e as estrelas da alva juntas cantarão e todos os filhos de Deus rejubilar-se-ão.

Fazemos Nosso Ambiente

Recomendamos esta inocente historieta pela moral que contém:

Um forasteiro, detendo-se numa vila, indagou a um dos moradores:

— Que espécie de pessoas moram aqui? Tenho em mente fixar-me neste lugar.

— Com que espécie de pessoas o senhor morava antes? inquiriu o morador da vila.

— Oh, na cidade donde venho as pessoas são mesquinhas e intolerantes.

— Então, sinto muito — concluiu o morador — mas o senhor encontrará aqui a mesma espécie de pessoas.

O forasteiro seguiu seu caminho, e algum tempo depois outro forasteiro aproximou-se do mesmo habitante da vila e indagou a respeito das pessoas que ali viviam.

— Que espécie de pessoas eram aquelas da cidade onde o senhor morava? — perguntou o aldeão.

— Eram as melhores do mundo — respondeu o estranho com um sorriso. Somente motivos de negócios me forçaram a sair de lá.

— Então — rematou o aldeão — o senhor encontrará aqui a mesma espécie de pessoas. — *More Illustrations and Quotable Poems*, por A. Bernard Webber.



O Que Temos de Fazer, Façamo-lo Depressa

WALTER SCHUBERT

Secretário Associado da Associação Ministerial da Conferência Geral



ESTÁ o Senhor decepcionado com Sua igreja? Tem ela falhado em pregar com poder as três mensagens angélicas, aos quatro cantos do mundo, no tempo designado? Se é assim, ouçamos o que diz a serva do Senhor: "O trabalho que a igreja tem deixado de fazer em tempo de paz e prosperidade, terá de realizar em terrível crise, sob as circunstâncias mais desanimadoras, proibitivas. — *Evangelismo*, pág. 31. Esta crise se abate sôbre nós. Consideremo-la.

A Crise Terrível

Acha-se a humanidade perturbada pela guerra fria que prossegue no tempo presente, e por saber que um dos muitos focos de inquietação que há no mundo pode ser a fagulha capaz de fazer eclodir outra guerra mundial. As nações que possuem uma filosofia de vida pagã e ateística estão ameaçando a sobrevivência da indiferente civilização cristã do hemisfério Ocidental. E parece que a sobrevivência de todo o planêta se acha também ameaçada.

Não obstante esta situação desoladora, multidões se entregam ao amor dos prazeres, do pecado e do vício. Afirmam crer em Deus, mas desatendem Seu conselho. Parecem ter perdido a consciência, e não têm capacidade de discernirem o bem do mal; tampouco discernem a verdade do erro. Há uma paixão pelo poder, pelo prestígio, pela honra e pela riqueza. O egoísmo, a falsidade, o ódio e a maldade se manifestam em tôda a parte. Algumas explo-

sões de paixões redundaram em desentendimento entre nações, em animosidade entre raças, e até em intolerância religiosa e em perseguições em alguns lugares. O mundo rompe-se em pedaços sob sua carga de vergonha, pecado e rebelião. Sim, nesta "crise terrível" teremos que finalizar a obra que não realizámos em tempos de paz e prosperidade.

"Circunstâncias Desanimadoras, Proibitivas"

Há anos passados, a maioria das religiões cristãs tinha um fundamento comum sôbre o qual se erguia — a Bíblia. Hoje, porém, muito poucas, apenas os evangélicos fundamentalistas, aceitam a Bíblia, que o Espírito Santo por meio de Seus profetas e apóstolos nos outorgou como única autoridade em matéria de fé e doutrina cristãs. Diz a igreja católica: "Contudo, tôdas as verdades reveladas não se acham contidas na Bíblia." — *Catholic Encyclopedia*, Vol. 2, pág. 543. No volume 15, pág. 6, afirma que "há de fato, e é necessário que haja certas verdades reveladas separadas daquelas contidas na Bíblia."

De modo geral, o protestantismo, que a partir da Reforma era considerado o campeão da verdade bíblica, hoje, por meio de seus teólogos liberais e neo-ortodoxos, está rejeitando muitas partes da Bíblia como sendo absurdas e sem sentido, declarando que, embora seja ela o melhor livro acêrca de Deus, acha-se desfigurada por interpretações humanas, e que se torna impossível ao homem conhecer a exata vontade de Deus. A verdade é apenas relativa. Por estranho que possa parecer, afirma-se mesmo que não se pode declarar que Deus exista.

Devido a esta pregação distorcida, e também à falta de educação cristã de milhões de crianças, a maioria da atual geração de protestantes não sabe o que crê. Não mais têm qualquer idéia do que significou a grande Reforma. Desenvolveram uma atitude de indiferença para com a verdade, e crêem que qualquer religião satisfaz, e praticamente qualquer igreja conduz ao Céu.

Por conseguinte, percebo que o motivo que temos para finalizar a obra de Deus “em terrível crise, sob as circunstâncias mais desanimadoras, proibitivas” é o fato de que “caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios.” Olhemos para as inumeráveis igrejas, seitas, cultos, e religiões pagãs, tôdas crendo em Deus mas se acham completamente isoladas por tôdas as filosofias imagináveis. Que confusão de crenças, tôdas procurando avidamente destruírem-se mutuamente.

Além disso, a igreja de Roma, com seu anunciado concílio ecumênico, está esperançada em reunir em seu aprisco, pelo menos, uma parte do mundo cristão dividido. Argumenta-se que a civilização ocidental só pode sobreviver pelo fortalecimento da união de tôdas as igrejas num único corpo. O lema é: “Unidos seremos vitoriosos; desunidos seremos destruídos.” A necessidade de unidade afigura-se ser de maior urgência do que “obedecer a verdade através do Espírito.”

As igrejas cristãs nominais, cujo poder espiritual se esmaece devido à apostasia que se desenvolve rapidamente, unem-se, aos apelos de penas fluentes e vozes clamorosas, num ponto: no desprezo e na intolerância para com a mensagem de Apocalipse 14. Em muitos casos chegam mesmo a perseguir o movimento profetizado a surgir como a única esperança para um mundo agonizante — movimento que exalta a Cristo e defende Sua santa lei.

Sim, as atuais atividades confusas dos “três espíritos imundos” em meio das dificuldades intransponíveis por toda a parte do mundo, constituem as “circunstâncias mais desanimadoras, proibitivas” sob as quais nós, como ministros juntamente com toda a igreja, temos de finalizar a pregação destas últimas mensagens de esperança. Humanamente falando, é uma tarefa hercúlea.

“Portanto Ide” “Eu Vos Envio”

O Senhor nos diz hoje: “Todo o poder é Me dado no Céu e na Terra. Portanto ide, ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai” (S. Mat. 28:18 e 19). Somente quando nos submetemos a Cristo pode Ele, por nosso intermédio, pôr em ação Seu poder grandioso e imensurável para a pregação do evangelho.

“Portanto ide” quer significar “Ide porque Eu sou a fonte de todo o poder. Para Mim nada é impossível.”

Mas Ele também disse: “Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto sede prudentes como as serpentes e simpleses como as pombas” (S. Mat. 10:16). O Cordeiro de Deus descreve um pequeno zoológico — ovelhas, lobos, serpentes e pombas. Os lobos são inimigos das ovelhas. Quando estas são enviadas entre aquêles, vão certas para a morte. Qual, então, é nossa arma quando o Senhor nos envia como ovelhas entre os lobos? É a “espada do Espírito, que é a Palavra de Deus” (Efés. 6:17). O Espírito de Deus, porém, opera com a inocência e a candura da pomba e ao mesmo tempo com a sabedoria das serpentes. Ele não deseja que sejamos serpentes astutas que matam e destroem pelo veneno e pela força muscular. Em meio a tanta indiferença pela verdade, o Senhor requer que Seus ministros sejam tão sábios em sua obra de ganhar almas para Cristo como o é Satanás em sua habilidade de levar homens a crerem que o erro seja verdade e o mal seja bem.

O poder dos “lobos” é terrivelmente forte. Põe o erro em lugar da verdade; faz oposição, persegue e até destrói o pequeno rebanho enquanto este se esforça por pregar as três mensagens angélicas. Contudo, à medida que o obreiro trabalha deve compreender que “todo o poder me é dado no Céu e na Terra” e que o poder dos lobos não deve ser comparado ao poder do Pai celestial.

O ministério necessita hoje de homens e mulheres guiados pela sabedoria de Deus e que tenham um espírito empreendedor controlado por forte senso de responsabilidade. O consagrado obreiro de Deus achará a tarefa fascinante, precisa e singularmente compensadora. Não há maior júbilo do que ver almas ganhas para Cristo.

Parece haver um despertamento entre os líderes de Deus nesta undécima hora da história do mundo. Graças sejam dadas a Deus pelos líderes que nos deu, em todos os níveis da organização, porque puseram no coração o conselho do Senhor: “Nossos planos são, em geral, muito restritos. Devemos ter mais ampla visão. . . Devemos abandonar a visão acanhada e fazer planos mais amplos.” — *Evangelismo*, pág. 46.

O presidente da Associação da Geórgia e Cumberland, por exemplo, pastor A. C. McKee, e seus obreiros comprometeram-se a batizar 700 pessoas no ano corrente. Na recente reunião de obreiros da Associação de Michigan, o presidente N. C. Wilson, e seus obreiros determinaram trabalhar para conseguirem nada menos que 2.000 batismos em 1961. D. H. Baasch, da

União Mexicana, escreve: "Os obreiros de nossa União comprometeram-se a um alvo mínimo de 3.000 batismos para 1961." M. S. Nigri, presidente da União Sul-Brasileira, também escreve: "Nosso alvo é de 5.000 batismos para 1961." Este espírito de conquista de almas permeia toda nossa organização mundial.

Lembremo-nos, porém, de que êstes alvos de conquista de almas podem ser alcançados nesta "crise terrível", somente sob as "circunstâncias mais desencorajadoras, proibitivas." Isto requer, em primeiro lugar, um ministério cheio do Espírito, um ministério disposto a suportar sacrifícios e ao mesmo tempo ousado e destemeroso; um ministério que queira, se necessário, sofrer a oposição, o ridículo e a perseguição, e sofrer tudo isto pacientemente; um ministério que não se detenha, ainda que assolado por dificuldades e obstáculos, por mais intransponíveis que possam parecer. Mais do que tudo, porém, requer um ministério que tenha paixão e amor pelas almas perdidas e sente que nenhum sacrifício é grande demais para ganhá-las para Cristo.

Um Apêlo aos Nossos Colégios

Em tôdas as guerras é a juventude quem ganha as batalhas, e em tôdas elas o espírito de amor à pátria tem produzido muitos heróis. Portanto, nesta derradeira hora da história pecaminosa do mundo, professores e auxiliares de nossos colégios teológicos inspirarão os estudantes do ministério a possuírem espírito de dedicação, de sacrifício, de iniciativa e amor pelas almas. Possam êles ser usados por Deus para mudarem lóbos em ovelhas pelo poder de Seu evangelho, e possam vencer todo obstáculo, e finalmente obterem a vitória gloriosa.

Conceda Deus que nossa maravilhosa juventude atenda de boamente êste desafio para a atividade. Para alguns pode êle significar prisão ou tortura, porque virá o tempo em que "qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus" (S. João 16:2). Contudo, com um ministério disposto a lutar bravamente, destemerosamente, ousadamente pela fé que uma vez foi dada aos santos, a mensagem logo triunfará, e a igreja militante será transformada na igreja triunfante, pronta a encontrar-se com seu Senhor prestes a vir.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

(Continuação)

(Original inglês, da pág. 117 a 120)

Escreve Ellen G. White:

Nenhuma cerimônia exterior pode substituir a simples fé e a renúncia completa do eu. Todavia ninguém se pode esvaziar a si mesmo do eu. Somente podemos consentir em que Cristo execute a obra. Então a linguagem da alma será: Senhor, toma meu coração; pois não o posso dar. É Tua propriedade. Conserva-o puro; pois não posso conservá-lo para Ti. Salva-se a despeito de mim mesmo, tão fraco e dessemelhante de Cristo. Molda-me, forma-me e eleva-me a uma atmosfera pura e santa, onde a rica corrente de Teu amor possa fluir por minha alma — *Parábolas de Jesus*, pág. 159.

Deve-se observar que o "fruto do Espírito" (Gál. 5:22) é plena harmonia com a lei de Deus, pois *contra* a manifestação destas virtudes na vida "não há lei" (verso 23). Em outras palavras, a pessoa em cuja vida se manifestam estas virtudes, cumprirá os mandamentos

de Deus. Ela não pode fazer isto por si mesma; não se espera que o faça. Mas com Cristo habitando em sua vida, a própria vida justa de Cristo (S. João 15:10) é imputada e comunicada ao filho de Deus. Assim exclamou Davi: "Muita paz têm os que amam a Tua lei, e para êles não há tropeço" (Sal. 119:165). Por isso podia o apóstolo amado escrever: "E nisto sabemos que O conhecemos: se guardarmos os Seus mandamentos." "Mas qualquer que guarda a Sua palavra, o amor de Deus está nêle verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que andamos nêle" (I S. João 2:3 e 5). E "nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os Seus mandamentos" (I S. João 5:2).

Devemos ter uma visão equilibrada do plano de Deus. É Seu propósito que Seu povo seja justo. Eles não são naturalmente justos. Mas no evangelho da graça de Deus há provisão "para que a justiça da lei seja cumprida em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rom. 8:4). Assim, "a circuncisão é nada e a incircuncisão nada é, mas sim a observância dos mandamentos de Deus" (I Cor. 7:19). A versão inglesa *Twentieth Century* diz: "A observância dos mandamentos de Deus é tudo."

2. O FILHO DE DEUS PODE TER CONFIANÇA E CERTEZA. — É nosso privilégio, e na verdade nossa herança como filhos de Deus comprados pelo sangue, termos a "plenitude da certeza" (Col. 2:2), desfrutar a "inteira certeza de fé" (Heb. 10:22), e conhecer a "completa certeza da esperança" (Heb. 6:11). Temos confiança n'Ele (I S. João 5:14), "confiança para com Deus" (I S. João 3:21).

Ao sincero filho de Deus, esta experiência não é de oitiva; não é fantasia ou crença; é experiência real e genuína. Podem dizer com toda confiança, embora com humildade: "Sabemos que passámos da morte para a vida" (I S. João 3:14); "Sabemos que estamos n'Ele" (I S. João 2:5); "Sabemos que Ele habita em nós" (I S. João 3:24).

VII Os Três Tempos na Salvação

A salvação do pecado é apresentada em três "tempos": passado, presente e futuro. É obra progressiva. O filho de Deus pode, com propriedade, dizer: "Fui salvo da penalidade do pecado"; também: "Estou sendo salvo do poder do pecado." E também pode dizer, com verdade: "Serei salvo mesmo da presença e possibilidade do pecado."

Com relação à primeira expressão, "Fui salvo", Paulo escreveu a Tito: "Segundo a Sua misericórdia nos salvou" (Tito 3:5); semelhantemente: "Em esperança somos salvos" (Rom. 8:24). Em ambos os casos o verbo grego está no aoristo, e assim a última citação teria sua forma correta: "temos sido salvos". Aliás as versões *Revised Standard* e *Weymouth* assim o consignam. E isto realça o aspecto da salvação que é um fato consumado.

Contudo é também verdade que, como sinceros crentes em Cristo, *estamos sendo salvos*. Há algo em processamento de ser completado dia a dia. Lemos: "para nós que somos salvos" (I Cor. 1:18). E aqui a mais exata tradução do Grego é "para nós que estamos sendo salvos" (R.S.V.). Este mesmo pensamento ocorre em Atos 2:47 onde a tradução correta é "aqueles que estavam sendo salvos" (R.S.V.).

Por último a expressão "Serei salvo." Le-

mos também "cremos que seremos salvos" "seremos por Ele salvos da ira" (Atos 15:11; Rom. 5:9).

Esta é tríplice maneira pela qual a obra de salvação toca o coração humano. Assim *fomos salvos* — justificação; *estamos sendo salvos* — santificação; e *seremos salvos* — glorificação.

VIII O Povo de Deus Deleita-se em Regozijar-se no Senhor

Ao perdoar-nos Deus os pecados e dar-nos, em Sua Palavra, a certeza de que estão perdoados (Efés. 4:32), não temos necessidade alguma de nos aborrecermos e ficarmos apreensivos quanto ao futuro. É exato que haverá um julgamento onde os pecados dos homens serão tratados. Mas isto não deve inquietar o filho de Deus, pois, como cristão, êle habita agora em Deus, e Deus habita nêle (S. João 14:20). "Pelo Seu nome vos são perdoados os pecados" (I S. João 2:12). A fé apodera-se de Sua palavra e rejubila em saber que os pecados foram perdoados.

Quem tenha, na verdade, passado da morte para a vida, e mantém atitude de constante submissão, não vive na incerteza. Tenho pôsto seu caso nas mãos de seu poderoso Advogado, não teme mais o futuro. Cristo é sua segurança, e êle vive a fé numa atmosfera de completa confiança em Deus, regozijando-se naquele "perfeito amor que lança fora o temor."

A luz desta grandiosa salvação, não devia nossa vida de povo de Deus ser vida de regozijo? Mesmo os israelitas nos recuados tempos do Velho Testamento sabiam que isto significava. Notemos suas expressões de gôzo e alegria: "Regozijai-vos no Senhor, vós, justos" (Sal. 33:1); "Filhos de Sião regozijai-vos e alegrai-vos no Senhor vosso Deus" (Joel 2:23). E o salmista disse: "Alegrem-se os Teus santos" (Sal. 132:9); "Exultem eternamente" (Sal. 5:11).

Freqüentemente temos o estribilho: "Louvai ao Senhor", e o povo o fazia de coração, pois lemos: "Em Ti me alegrarei e saltarei de prazer" (Sal. 9:2); "Minha alma se alegrará no Senhor" (Sal. 35:9); "Regozijar-me-ei muito no Senhor, e minha alma se alegra no meu Deus" (Isa. 61:10); "Contarei o que Êle tem feito à minha alma" (Sal. 66:16).

No Nôvo Testamento há a mesma nota de regozijo: "Alegria" é uma das grandes palavras do Nôvo Testamento. Na verdade, o evangelho é, em si mesmo, "boas-novas de grande ale-

(Continua na página 23)

Miscelânea

ARNALDO B. CRISTIANINI
Redator de O MINISTÉRIO ADVENTISTA

Antíoco Epífano e a Profecia

CERTO pastor muito culto de uma das maiores denominações evangélicas de nosso país, procurou contestar nossa interpretação da “ponta pequena” de Daniel 7, afirmando não representar ela o papado mas sim um personagem da História, conhecido por Antíoco Epífano. E prosseguiu afirmando que o capítulo 11 de Daniel corrobora as façanhas daquele ímpio rei sírio que profanou o templo, mudou a lei e tirou o sacrifício diário do Templo em Jerusalém, no ano 168 A.C. É verdade que esse monarca, após uma campanha contra o Egito, fez um assalto a Jerusalém, saqueou o Templo, ordenando uma terrível carnificina. No lugar santo, se fez um sacrifício a Júpiter Olímpico.

A teoria de que Antíoco Epífano cumpre a “ponta pequena” de Daniel 7, originou-se com Porfírio — sofista sírio e filósofo neoplatônico, defensor do paganismo. Alarmado com a difusão do cristianismo, percebendo a posição-chave que as profecias ocupavam no antigo pensamento cristão, no fim do terceiro século de nossa era procurou sustar a força da profecia de Daniel. Para levar a cabo seu intento, começou argumentando que o livro não era profecia escrita por Daniel no sexto século A.C., mas mere esboço histórico sem valor, escrito por alguém em tempo posterior aos Macabeus. Em outras palavras, Porfírio acusava o livro de ter sido forjado *depois* de terem ocorridos os acontecimentos nele mencionados, e ter sido redigido ao estilo de predições. Por aí se vê que a teoria porfiriana, de que Antíoco seja a “ponta pequena”, e não o papado, tem origem escusa, pagã e indigna de valor.

E há mais ainda. Esta teoria de Porfírio foi esquecida por muito tempo. Até tempos posteriores à Reforma do século XVI. Aí por volta de 1560 foi tirada da obscuridade por Hugo Broughton, na Inglaterra. Infelizmente, apesar de sua origem escusa, tem sido largamente aceita por correntes do pensamento evangélico, opondo-se à *escola histórica* da interpretação, que afirma ser a “ponta pequena” de Dan. 7 o papado histórico emergindo das dez divisões do quarto reino (Roma), prosperando durante a

Idade Média. O que faz pasmar é o fato dessa absurda interpretação que aponta Antíoco como cumprimento da profecia ter muita voga entre mesmo os modernistas, e consta em bons comentários críticos. Para destruí-la bastam estas seis considerações:

1^a. — Os quatro chifres do bode (Daniel 8: 8) eram reinos. Basta ver o verso 22. É lógico que a pequena ponta seja também um reino. Ora, Antíoco era apenas um *rei* do império selêucida, portanto, *uma parte* de uma ponta. Necessariamente, não podia ser outro chifre completo.

2^a. — Esta ponta se desenvolveu em direção ao Sul, ao Oriente e à terra formosa da Palestina (verso 9). Ora, Antíoco avançou para o Egito, terminando em humilhação imposta pelos romanos. Os sucessos de Antíoco na Palestina foram de curta duração, e sua marcha para o Oriente foi cortada pelo seu falecimento. E sua política para dominar o helenismo ruiu completamente, e tampouco seus feitos lhe deram notável “prosperidade” (verso 12) que a profecia reclama.

3^a. — Antíoco não atingiu o período final (verso 23) senão em meados da época em que o helenismo se dividiu em reinos. Na verdade sua política foi mais pontilhada de fracassos do que de êxito. (Ver o verso 25.) Ele não cumpre especificações proféticas.

4^a. — Antíoco não se levantou contra o “Príncipe dos príncipes” (verso 25). Também nesse particular carece ele de cumprimento.

5^a. — Seu “lançar a verdade por terra” (verso 12) foi temporário e completamente inócuo, sem resultado, porque suscitou os judeus a defenderem sua fé contra a influência do helenismo.

6^a. — Embora Antíoco proferisse palavras arrogantes, e oprimisse o povo de Deus e, *por pouquíssimo tempo profanasse o Templo*, é óbvia e flagrante a inadequação desse rei em preencher muitos pontos da profecia. Ele não preenche todos os requisitos proféticos.

Para concluir diremos que os defensores da

teoria porfiriana, que afirma ser Antíoco a “ponta pequena”, precisam reduzir os 2.300 dias proféticos pela metade, ou sejam 1.150 *dias literais* (e não anos) porque só mediante este artifício podem obter um período de 3 anos de devastação do Templo levada a efeito pelo rei invasor.

Velha Acusação Contra a Sra. White

REEDITA-SE surrada acusação contra o dom profético da serva do Senhor. Lemos, recentemente, em três publicações evangélicas e uma católica a acusação de que nossa irmã declarara em 1856, numa assembléia: “Foi-me mostrado o grupo presente à assembléia. Disse o anjo: ‘Alguns alimentos para vermos, alguns sujeitos às sete pragas, alguns estarão vivos e permanecerão sobre a Terra para serem trasladados na vinda de Jesus.’” E concluem que todos os que na ocasião estavam vivos, já faleceram e, portanto, não se cumpriu a predição, e daí, dizem, se prova ser a Sra. White falsa profetisa.

Isto denota ignorância em relação aos propósitos divinos, e também má fé. Por igual critério, teríamos de averbar de “falsos” muitos profetas e servos de Deus no passado. De relance diríamos que Jonas foi falso profeta, pois como porta-voz de Deus gritara a plenos pulmões: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida” (Jonas 3:4). Tal, entretanto, não ocorreu, e o verso 10 explica as razões do não cumprimento da profecia. É que os *habitantes* da cidade, a quem se destinava a mensagem — *arrependeram-se* de coração. Isaías, aferido por esse critério, foi falso profeta, pois, inspirado, declarara a Ezequias: “Põe em ordem a tua casa, porque morrerás, e não viverás.” (Isa. 38:1). No entanto, Deus revogou a morte, adiando-a para mais quinze anos. Por quê? Os versos 2, 3 e 5 explicam a razão. Elias, segundo este critério, foi um falso profeta, pois, a mandado divino predissera juízos severos contra Acabe e sua posteridade. (1 Reis 21:21 e 22). O juízo foi adiado, e o verso 29 nos dá a razão disso. Os alvos divinos não mudam; mudam os homens em relação a eles. Pesou sobre Sodoma terrível sentença de destruição total. Abraão inter-

fere. Neste caso o juízo não pôde ser revogado ou adiado. Por quê? Porque não havia lá sequer dez justos. Se os houvesse, a cidade seria poupada por amor deles. (Gên. 18:32).

É fora de dúvida que as profecias contendo ameaças ou recompensas têm um caráter condicional. Lemos em Jer. 18:7-10: “No momento em que falar contra um reino para arrancar, para derribar, e para destruir, se a tal nação, contra a qual falar se converter da sua maldade, também Eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe. E no momento em que falar de uma gente e de um reino, para edificar e para plantar, se ela fizer o mal diante dos meus olhos, não dando ouvidos à minha voz, então me arrependerei do bem que tinha dito lhe faria.” Exemplo de anulação de promessa feita, devido ao mau comportamento dos filhos de Deus, temos em resumo em Êxo. 6:2, 6-8: “Falou mais Deus a Moisés: ‘Portanto dize aos filhos de Israel . . . Eu vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios e . . . *vos levarei à terra, acêrca da qual levantei a Minha mão que a daria a Abraão, a Isaque e a Jacó, e vo-la darei por herança.*’” Essa promessa de bênção foi revogada, e em Núm. 14:26-34, temos em resumo o seguinte: “Depois falou o Senhor a Moisés e a Aarão dizendo: até quando sofrerei esta má congregação que murmura contra Mim? Dize-lhes . . . neste deserto cairão os vossos cadáveres, como também todos os que de vós foram contados . . . *não entrareis na terra*, pela qual levantei a Minha mão que vos faria habitar nela . . . e conhecereis o Meu apartamento [das promessas].” Esta última expressão, na versão revista de Almeida está: “e tereis experiência do Meu desagrado.” Numa versão inglesa, à margem, consta: “E conhecereis a alteração do Meu propósito.”

Também ao velho sacerdote Eli houve alteração do plano divino, consubstanciado nestas palavras: “Diz o Senhor Deus de Israel: Na verdade tinha dito Eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de Mim perpétuamente; porém, agora diz o Senhor: Longe de Mim tal coisa, porque aos que Me honram honrarei, porém os que Me desprezam serão envilecidos.” (1 Sam. 3:30).

A abalizada “The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge”, Vol IX, pág. 277, falando de profecias, de que “se tornam um sinal de que o Senhor falou pe-

lo profeta”, conclui: “Êstes pronunciamentos, porém, não contêm sempre um juízo inalterável de Deus; na verdade, como regra, a profecia de ameaça *destina-se a produzir uma mudança no coração do povo*; se êste objetivo fôr conseguido, a atitude divina se modifica e Sua sentença não mais se deve executar.”

Sobre isto diz Strong, renomado teólogo batista: “A conjectura pessoal dos profetas, quanto ao significado das profecias que registraram, pode ter sido incorreta; contudo ainda as profecias, em si mesmas, são inspiradas.” — *Systematic Theology*, pág. 235.

A autorizada “The International Standard Bible Encyclopedia”, Vol. IV, pág. 2461, também assim se expressa, sobre profecias de cumprimento sustado:

“Não é o caso, porém, que uma autêntica profecia tenha que ser cumprida como o édito de um destino. Esta profecia não é um decreto fatal inevitável, mas uma palavra do Deus vivo à humanidade e, portanto, está condicionada, do ponto de vista ético, e, caso se siga o arreendimento, pode Deus retirar a ameaça (Jer. 18:2 e seg. e caso de Jonas) e pode revogar também o castigo (I Reis 21:29). Ainda uma predição pode ser renovada se o povo se demonstrar indigno (Jer. 18:9). Uma predição favorável ou desfavorável pode ainda ser adiada, até que haja interesse em seu cumprimento, para tempos mais dilatados, se ela pertence aos conselhos definitivos de Deus, como por exemplo o juízo final ou o livramento do último dia... Neste caso, o profeta reúne num quadro o que se deve realizar gradualmente num maior desenvolvimento histórico... Não é, por conseguinte, correto exigir um cumprimento pedantemente exato na forma de uma veste histórica da profecia.”

Jamieson, Fausset & Brown, no “Commentary”, sobre Jer. 18:8, concluem: “O princípio imutável de Deus e fazer o *melhor em tôdas as circunstâncias*. Se Ele não levar em consideração a mudança moral que se opera em Seu povo (suas orações, etc.) não estará agindo consoante Seu próprio princípio imutável.”

Lemos em “The Pulpit Commentary”: “As promessas de Deus são tão condicionais como Suas ameaças. Não seria justo nem misericordioso para nós o continuar Deus sem restringir Seus favores depois de nos termos apartado d’Ele. A retirada dêses fa-

vores constitui saudável advertência para nós. Deriva necessariamente da relação pessoal de Deus com Seu povo, do qual depende simpatia recíproca.”

Diz Adão Clarke: “Êstes versículos (Jer. 18:7-10) contêm o que se pode chamar *decreto de Deus* pelo qual tôda a Sua conduta para com o homem é regulada. Se Ele propõe destruição a um pecador, e êste se arrende e volta-se para Deus, *viverá*, e não *morrerá*. Se Ele propõe a salvação ao que andar em retidão, e êle se aparta de Deus, voltando ao mundo e ao pecado, *morrerá* e não *viverá*.”

Com relação ao dia do juízo, diz a Bíblia: “O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.” II S. Ped. 3:9. Aí está o critério de Deus no trato com os pecadores.

Pelos nossos atos podemos apressar ou retardar a segunda vinda de Cristo. O fim só virá *quando* “êste evangelho do reino” fôr “pregado em todo o mundo, em testemunho a tôdas as nações.” S. Mat. 24:24.

À luz destas considerações poderemos explicar razoavelmente porque a *profecia* da Sra. White, feita em 1856, não se cumpriu exatamente nos termos em que fôra anunciada. Era plano de Deus que o que ela dissera se cumprisse. No entanto, doze anos depois da visão, escreveu ela: “A longa noite de escuridão está sendo penosa, mas a manhã está prolongando a misericórdia, porque se o Mestre tivesse vindo, tantos seriam achados despreparados. O desejo de Deus, de que Seu povo não esteja em perigo, tem sido a razão de tão longa demora.” — *Testimonies for the Church*, Vol. 2, pág. 194.

E na *Review and Herald*, de 6 de outubro de 1896, pág. 629, escreveu ela: “Se os que pretendem ter uma viva experiência nas coisas divinas tivessem feito a obra que Deus determinou, todo o mundo já *teria sido advertido*, e o Senhor Jesus *teria vindo* em poder e grande glória.”

E em 1903, exatamente no dia 28 de março, em sermão proferido na Associação Geral, concluiu: “Sei que se o povo de Deus tivesse mantido viva ligação com Êle, se tivesse obedecido Sua palavra, êles hoje estariam na Canaã celestial.” — *General Conference Bulletin*, 35 th session, march, 30, 1903, pág. 9.

No último volume dos *Testimonies* (pág. 29), publicado em 1909, escreveu ela estas linhas solenes: “Se cada vigia dos muros de Sião tivesse dado o somido certo de trombeta, o mundo já podia ter ouvido a mensagem de advertência. Mas a obra está atrasada em anos. Enquanto os homens dormiram, Satanás roubou-nos o avanço.”

Jamais nos esqueçamos de que se uma predição divina não se cumpre, se Deus revoga uma promessa ou susta um castigo, a culpa ou o mérito, neste caso, reside *em nós*, Seus filhos de vontade livre. Vontade que o próprio Deus respeita.

Como se vê, a acusação contra as credenciais proféticas da serva do Senhor é inteiramente insubsistente.

Cristo e o Cortejo do Céu

Não há muito, alguém nos remeteu um exemplar de certo órgão denominacional evangélico, contendo artigo escatológico — parte de uma série do mesmo autor — sobre a vinda de Jesus e o início do milênio. O remetente assinalara com lápis vermelho o referido artigo, recomendando-o como expressão da verdade bíblica, em desacôrdo com as ensinaças adventistas. Lemo-lo com atenção. Não contém novidade alguma além da simples enunciação da teoria pré-milenista na forma esposada pelas igrejas evangélicas mais ou menos conservadoras, porém com seu erro inicial: que Cristo virá *com os santos falecidos e já na glória*, além da companhia dos anjos celestiais. Isto consta dos compêndios teológicos de várias ramificações evangélicas, e será ocioso dizer que todo êsse pressuposto se embasa no falso pilar da imortalidade natural do homem e no imediato galardão *post mortem*. Estando os mortos na sepultura, como ensina a Bíblia, é absolutamente impossível que haja o que o articulista denomina o “cortejo do Céu formado pelos santos”. Há o cortejo sim, mas formado pelos anjos. Afora uns poucos que ressuscitaram ou foram trasladados vivos (Enoque, Moisés, Elias, alguns que subiram com Cristo), ninguém mais de nossa raça se encontra no Céu. Não há galardão que anteceda a vinda de Cristo, e após a morte também não há galardão, porquanto o único acontecimento que virá depois dela é o *juízo*. Heb. 9:27.

A dialética do articulista fundamenta-se no texto de I Tess. 4:14: “Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos

que em Jesus dormem, Deus os *tornará a trazer com Êle*.” Grifamos, de propósito, a parte invocada pelo autor. O ponto focal da argumentação é o fato de o verbo “trazer” nesse texto estar, no Grego, desprovido do prefixo que geralmente dá idéia de algo que sobe. O verbo é *ago*, trazer. Em Heb. 13:20 o mesmo verbo aparece com o prefixo *ana*, que dá idéia de ascensão. Lá está literalmente *anago* que se traduz por “trazer para cima”. Contudo a argumentação não procede. Em I Tess. 4, a contextualização refere-se profusamente aos acontecimentos finais, à vinda de Cristo, à ressurreição dos santos, ao arrebatamento. É a nota dominante do capítulo. Isto dispensa o prefixo *ana* (para cima) que está implícito no sentido do verbo. O mesmo, porém, não ocorre em Heb. 13:20 onde se faz necessário o prefixo *ana*, ou melhor, a forma verbal *anago*, em vista de, na frase, não constar antes referência alguma à ressurreição, ressurgimento, ascensão, subida dos mortos, etc. E sendo a única vez em que ocorre o verbo para significar que Deus tornava a trazer dos mortos a Cristo, tornava-se imprescindível o uso de *anago*, para realçar o “trazer para cima”, implicando a idéia de ressurgimento que, sem o prefixo, não estaria clara. Notemos ainda a expressão “assim também”. Antes dela há menção clara à ressurreição de Cristo. Portanto o “assim também” (isto é, “da mesma maneira”) Deus os *tornará a trazer com Êle* (Jesus). A quem? Aos “que dormem”. É fora de dúvida que êsse “assim também” indica “de baixo para cima”. É fatal a conclusão: se já há no verso claríssima alusão à ressurreição (e esta é uma subida dos mortos), e se há ainda a indicação comparativa “assim também”, *não havia necessidade* do emprêgo da forma *anago*, mas bastava simplesmente *ago*. A anteposição do prefixo *ana*, no caso, é perfeitamente dispensável.

Conclui-se, pois, que, do ponto de vista filológico, não colhe a argumentação dos imortalistas. E a versão Almeida revista assim consigna o texto em lide: “Pois se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em Sua companhia os que dormem.” A comparação com a ressurreição não deixa margem para dúvidas.

Temos o testemunho imparcial de Adão Clarke, metodista que, em seu muito citado comentário, assim se expressa em relação a I Tess. 4:14: “Deus trará com Êle — Êle [Deus] os fará subir da mesma forma como Jesus foi ressuscitado dos mortos, isto é, pelo Seu próprio poder e energia eternos; e Êle [Deus] os trará com Êle — com Cristo, por ser Êle a cabeça da Igreja, a qual é Seu corpo.”

Temos nas Escrituras um versículo paralelo, que dissipa qualquer dúvida. É II Cor. 4:14,

que diz: "Sabendo que Aquêle que ressuscitou ao Senhor Jesus, também nos ressuscitará com Jesus, e nos apresentará convosco." Grifamos de propósito a expressão "também nos ressuscitará com Jesus", pois tal é exatamente o sentido também em I Tess. 4:14.

E, para finalizar, façamos algumas considerações de ordem lógica. A Bíblia ensina que "os que estão nos sepulcros ouvirão a voz de Cristo", o som da trombeta do Arcanjo, e sairão do pó da terra. Ora, se os santos — como se quer fazer crer — vêm em companhia de Jesus, já estão no Seu cortejo, então não precisariam estar no pó da terra para ouvirem a trombeta. Já estão junto do trombetaireiro. Seria uma farsa, pois estariam numa estranha e inverossímil posição em companhia de Cristo, como parte do séquito, como condutores e depois voltariam como conduzidos. Diante de I Tess. 4:16 e S. João 5:28 e 29, essa idéia é inteiramente insubsistente.

Questão Dominguísta

Tivemos o privilégio de ler o interessante livro de Joseph Gaer, *How The Great Religions Begun*, e à página 190, deparamos com êste tópico: "Nos primeiros séculos, os cristãos consideravam-se uma nova raça sobre a Terra, o verdadeiro Israel — legítimo povo escolhido de Deus. Cada domingo, que eles denominavam dia do Senhor, reuniam-se para orar e ler a Bíblia. Jejuavam às quartas e sextas-feiras."

Duas coisas se evidenciam neste trecho: 1 — que o primeiro dia da semana foi por eles (cristãos dos primeiros séculos) transformado em "dia do Senhor". Não o foi por determinação divina nem por autoridade das Escrituras. Confirma-se que a instituição dominguísta foi obra de homens; 2 — Além desta prática (o reunirem-se no primeiro dia da semana), havia outras sem apoio escriturístico, como o jejuar duas vezes por semana. Note-se que o autor dêste livro não perfilha nenhuma religião. O Rev. Dr. Scott, abalizado comentarista evangélico, em seu *Comment on Acts*, considerando o cap. 20, verso 7, conclui: "A troca do sétimo para o primeiro dia parece ter-se efetuado gradual e silenciosamente, pelo exemplo e não por preceito expresso."

Até há algumas décadas, circulava nos Estados Unidos, uma revista evangélica denominada *Christian At Work*. Num antigo exemplar (dezembro de 1884), podia-se ler o seguinte: "Ouvimos mais do que devíamos acerca da origem apostólica da observância do atual domingo . . .

O fato é que precisamos ir muito depois dos tempos apostólicos para encontrarmos o estabelecimento da observância dominical."

Domingo e Quarto Mandamento

Lemos, não há muito, numa revista de escola dominical, que a observância do domingo tem como base o preceito do quarto mandamento: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar." Será êste um critério unânime das igrejas evangélicas? Não. O Rev. Charles S. Robinson, no *Sunday School Times*, de 14 de janeiro de 1882, escreve: "Não é sábio basear o argumento do sábado cristão (domingo) sobre o quarto preceito do Decálogo . . . Ficaremos perplexos, se tentarmos baseá-lo em mandamento legal. Nesses debates, nossa segurança está em considerarmos o caráter gracioso e benevolente da divina instituição do repouso."

E a publicação *Christian At Work*, de 19 de abril de 1883, apresenta o seguinte tópico: "Alguns firmam a observância do domingo sobre o mandamento — o qual ordena explicitamente a observância do sábado, e não de outro dia como sendo o "santo dia do Senhor." E procuram alguns fundamentar a guarda do domingo sobre mandamento apostólico, e na verdade os apóstolos não deram nenhum mandamento sobre êste assunto . . . A verdade é que, tão logo nos apeguemos ao texto claro da Bíblia, vemos que os sabatistas têm o melhor dos argumentos."

Perguntas Sobre Doutrina

(Continuação da pág. 18)

gria" (S. Luc. 2:10). E Jesus, o autor da salvação eterna (Heb. 5:9), desejava que Seus discípulos participassem de Sua alegria, pois nEle e por Ele o gozo deles seria completo (S. João 15:11; 16:24). O grande apóstolo dos gentios expressou o mesmo pensamento, ao exortar os santos a se regozijarem "no Senhor" (Fil. 3:1); "Regozijai-vos sempre no Senhor, outra vez vos digo regozijai-vos" (Fil. 4:4). Assim podemos unir nossa voz à dos coros celestiais "que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e fôrça, e honra e glória, e ações de graças" (Apoc. 5:12).

NOTÍCIAS - Da Imprensa



O Evangelho no Vietnã

◆ Depois de 50 anos de ação ininterrupta, os missionários protestantes estão agora sendo impedidos de entrarem no Vietnã. Crê-se que seja devido à inquietação no país em vista das atividades comunistas e porque lá os dirigentes de influência julgam que a igreja protestante nacional não necessita mais de missionários estrangeiros.

Chegada de S. Paulo a Roma

◆ A administração dos Correios da Cidade do Vaticano planeja para breve a emissão de uma série de seis selos comemorativos do 1900º aniversário da chegada de S. Paulo a Roma. O apóstolo foi degolado naquela cidade cerca do ano 67 A.D. na Via Ostia, onde hoje se encontram a basílica e a abadia de S. Paulo — segundo informação local.

Disseminação do Ateísmo

◆ Relatou a Rádio Hanoi que na Coréia do Norte (comunista) se instituiu a Sociedade Para Difusão do Conhecimento Científico — imitação da idêntica organização ateísta que há na União Soviética. Filiais dessa organização deverão estabelecer-se em “cada fábrica, escritório, escola e vila”, com o apoio do governo vermelho.

Salvando os Suicidas

◆ As listas telefônicas na cidade de Toronto logo irão publicar nôvo assinante: “Suicídio”. Pessoas desesperadas poderão chamar êste número a qualquer hora do dia ou da noite e ligar com a recentíssima agência anti-suicida do Exército de Salvação. Êste serviço também será instalado em Winnipeg, Manitoba; Montreal, Quebec; a Vancouver, Colúmbia Britânica. “Há dez vêzes mais vidas dizimadas pelo suicídio do que pela tuberculose, no Canadá”, disse o Comissário Wycliffe Booth, comandante do Exército de Salvação de Canadá e Bermuda. O serviço anti-suicida terá sua sede em Toronto e será dirigido pelo Tenente-coronel Leonardo Evenden. Haverá representantes em tôdas as

principais cidades do país. Está sendo solicitado o auxílio de médicos e psiquiatras, e os juízes são solicitados a enviarem à sede do serviço qualquer pessoa que julguem ser um suicida em potencial.

Trechos de Testemunhos (não publicados ainda)

“Em tôdas as épocas do mundo tem havido homens que pensam ter uma obra a fazer para o Senhor, e não demonstram nenhum respeito para com aqueles que o Senhor tem estado a usar.” . . .

“Como ousa o homem mortal definir seu julgamento sôbre êles [os adventistas do sétimo dia], chamar a igreja de prostituta, de Babilônia, covil de ladrões, gaiola de tôda ave imunda e aborrecível, morada de demônios . . . e proclamar que os pecados dela atingiram os Céus e Deus Se lembrou de suas iniquidades? É esta a mensagem que devemos dar aos adventistas do sétimo dia? Digo-vos, Não! A NENHUM HOMEM DEUS DEU UMA TAL MENSAGEM.

“Que êstes homens humilhem seus corações diante de Deus, e em verdadeira contrição se arrependam de terem estado por algum tempo ao lado do acusador dos irmãos, que os acusava de dia e de noite diante de Deus. . . .

“ . . . O Senhor tem uma corporação organizada através da qual Êle opera. Pode haver entre êles [os adventistas] uma vintena de Judas; pode haver um impulsivo Pedro que, no momento da prova, negue a seu Senhor; pode haver pessoas da espécie de João a quem Jesus amava, mas cujo zêlo destruiria a vida dos homens querendo invocar fogo sôbre êles a fim de vingar um insulto a Cristo e à verdade. O grande Ensinador, porém, procura dar lições de instrução para corrigir êstes males existentes. O mesmo está Êle fazendo à Sua igreja. Está apontando seus perigos. Está apresentando diante dela a mensagem de Laodicéia.” — Parágrafos extraídos do MANUSCRITO 21, 1893 (inédito).